



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM
ARTES E MÚSICA

TAYLANE FERNANDES DA SILVA

ARTE APINAYÉ: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA INDÍGENA TEKATOR-TO

Tocantinópolis (TO)
2018

TAYLANE FERNANDES DA SILVA

ARTE APINAYÉ: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA INDÍGENA TEKATOR-TO

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob a orientação do Prof. Gustavo Cunha de Araújo.

Tocantinópolis (TO)
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586a Silva, Taylane Fernandes da.
Arte apinayé: um estudo de caso na escola indígena Tekator-TO. /
Taylane Fernandes da Silva. – Tocantinópolis, TO, 2018.
55 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2018.

Orientador: Gustavo Cunha de Araújo

1. Arte. 2. Arte indígena. 3. Apinayé. 4. Educação do campo. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

TAYLANE FERNANDES DA SILVA

ARTE APINAYÉ: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA INDÍGENA TEKATOR-TO

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 12/11/2019

Banca Examinadora:

Gustavo Cunha de Araújo

Prof. Ms. Gustavo Cunha de Araújo, Orientador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Mara P. da Silva

Profa. Ms. Mara Pereira da Silva, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Luana

Profa. Ms. Luana Mara Pereira, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus por ser meu socorro presente nas horas das angústias e a todos os meus familiares, em especial a minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Mesmo não sendo possível deixar em registro os meus agradecimentos a todos que de alguma forma me ajudaram nas horas mais precisas, gostaria de destacar alguns nomes.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado à vida, a saúde mental e forças para chegar até aqui, para concluir os objetivos propostos.

Ao professor e orientador Gustavo Cunha de Araújo em apreciar pela sua dedicação em todos os meus momentos difíceis e por ter me mantido firme no objetivo da qual eu tive que alcançar. Obrigado por todas as críticas e indagações feitas em torno do trabalho, pois de certa forma foi uma grande aprendizagem que de algum modo contribuiu para o meu crescimento como pessoa. Deixo aqui o meu muito obrigado por ter acreditado na minha capacidade. E saiba que em grande parte desse trabalho tem o seu mérito.

Agradeço a banca examinadora por avaliar esse trabalho e, em especial, a professora Mara Pereira da Silva que me deu a oportunidade de participar como monitora do programa PIMI, me proporcionando conhecer melhor as culturas apinayé que nos rodeia.

A toda equipe da escola Mariazinha, em especial ao diretor Emílio Apinajé e orientador pedagógico Samuel, que me proporcionou desenvolver esta pesquisa naquela localidade.

A todos os estudantes indígenas que contribuíram diretamente para a construção dessa pesquisa.

Aos meus familiares que sempre estiveram presentes nas horas difíceis, me dando ânimo e incentivo.

A todos os professores do curso de Educação do Campo, pois de alguma forma, contribuíram para a minha formação acadêmica.

Agradeço as companheiras de curso Yonara, Ludimila, Dayla, Sabrina, Gerlane, Gracilene e Jéssica que, de certa forma, estiveram presentes em todas as lutas e dificuldades durante os 4 anos da minha graduação.

RESUMO

A pesquisa realizada teve como objetivo principal compreender que significado tem a arte indígena para os estudantes do ensino fundamental da escola Estadual Indígena Tekator, localizada em Tocantinópolis-TO e como são desenvolvidos essa arte dentro da escola pesquisada. Como metodologia, foram utilizados a pesquisa qualitativa, com abordagem etnográfica e bibliográfica, além de questionários aplicados a estudantes indígenas, bem como a observação de como produzem os trabalhos artísticos deles na aldeia pesquisada. Essa pesquisa realizada na Escola Indígena Tekator, localizada na aldeia Mariazinha-TO me possibilitou como pesquisadora a entender como é trabalhada a disciplina de arte dentro de uma aldeia, e a entender qual o olhar que os alunos daquela unidade têm em relação arte indígena produzida por eles mesmos nesse espaço. Com isso pude perceber que as artes produzidas pelos indígenas se referem, a sua maioria, aos artesanatos que eles confeccionam, como colares feitos de miçangas, abano, coufo, esteira entre outros. Pude constatar também que eles mesmos ensinam as técnicas de como são feitas outras artes, como as pinturas, explicando os seus significados e os ensinando quais dessas são mais usadas pelos apinayé da aldeia, o que deixa claro que o conhecimento cultural e artístico deles é passado de geração para geração. Ao analisar os questionários respondidos pelos indígenas, pude notar que eles caracterizam as suas culturas como algo normal em seu habitat, uma vez que eles não consideram o que eles produzem como arte. A arte vista nos objetos que produzem são mais vistas e compreendidas (nessa concepção) por professores e pesquisadores da área, e nem sempre por eles mesmos. Ou seja, é possível afirmar que a arte para eles significa cultura, a raiz histórica de um povo que luta para manter vida a sua identidade, saberes produzidos ao longo do tempo, bem como o “prazer” em produzir e socializar a arte que eles mesmos constroem ao seu povo e a comunidade. Embora muitos tenham relatado que gostam da arte, deixam claro também que ela representa não apenas a sua realidade, mas também história, luta e resistência de um povo. Dada à importância desse estudo, percebe-se que estudar os indígenas da etnia apinayé foi muito importante, pois me permeou um conhecimento mais profundo das suas da sua cultura, para mais, o fruto desse estudo servirá como base para as próximas pesquisas relacionadas à arte apinayé.

Palavras-chave: Arte. Arte Indígena. Apinayé. Educação do Campo.

ABSTRACT

The main objective of this research was to understand the significance of indigenous art for the elementary school students of the Tekator State Indigenous School, located in Tocantinópolis-TO, and how this art is developed within the researched school. As a methodology, qualitative research was used, with an ethnographic and bibliographical approach, as well as questionnaires applied to indigenous students, as well as the observation of how they produced their artistic works in the researched village. This research carried out at the Tekator Indigenous School, located in the Mariazinha-TO village, enabled me as a researcher to understand how the art discipline is worked within a village, and to understand what the pupils of that unit have in relation to indigenous art produced by themselves in this space. With this I can see that the arts produced by the natives refer, mostly, to the crafts that they make, such as necklaces made of beads, abano, coufo, and mat among others. I could also see that they themselves teach the techniques of how other arts are made, such as paintings, explaining their meanings and teaching them which of these are most used by the apinaye of the village, which makes it clear that their cultural and artistic knowledge is past from generation to generation. In analyzing the questionnaires answered by the Indians, I could see that they characterize their cultures as something normal in their habitat, since they do not consider what they produce as art. The art seen in the objects they produce are more seen and understood (in this conception) by professors and researchers of the area, and not always by themselves. That is, it is possible to affirm that art for them means culture, the historical root of a people struggling to keep alive their identity, knowledge produced over time, as well as the "pleasure" in producing and socializing the art that they themselves to their people and community. Although many have reported that they like art, they also make clear that it represents not only their reality, but also history, struggle and resistance of a people. Due to the importance of this study, it is perceived that studying the indigenous people of the apinayé ethnic group was very important, because a more profound knowledge of their culture permeated me, for more, the fruit of this study will serve as a basis for the next research related to art apinayé.

Keywords: Art. Indigenous Art. Apinayé. Rural Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Imagem área da escola	23
Imagem 2 – Frente da escola.....	25
Imagem 3 – Pátio da escola.....	25
Imagem 4 – Local onde são realizadas as aulas esportivas.....	25
Imagem 5 – Ônibus que transporta alunos e professores para a escola	25
Imagem 6 – Sala de aula	46
Imagem 7 – Desenhos produzidos na aula de artes.....	46
Imagem 8 – Atividade	47
Imagem 9 – Produção artística em andamento	48
Imagem 10 – Desenhos produzidos pelos alunos indígenas	49
Imagem 11 – Representação dos desenhos	50
Imagem 12 – Colocando nome nos desenhos	51
Imagem 13 – Escolhendo o nome da figura.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro dos servidores	24
Tabela 2 – Perfil dos professores	31
Tabela 3 – Distribuição de alunos por região	32
Tabela 4 – Perfil dos indígenas	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	15
2.1	Instrumentos de coletas de dados	17
2.1.1	Observação	17
2.1.2	Questionário	17
2.3	Quem são os Apinayé	19
2.4	Contato e percurso com o local da pesquisa	20
2.5	Origem do nome Tekator/Mariazinha	22
2.5.1	Local da pesquisa: Escola Estadual Indígena Tekator	23
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
3.1	Uma breve contextualização do ensino de artes na educação brasileira.....	26
3.2	A educação indígena na educação brasileira	30
3.2.1	Arte indígena	33
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
4.1	Análises do questionário sobre a arte indígena	38
4.2	Observações no 5º ano	45
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE	56

1 INTRODUÇÃO

A arte indígena se manifesta através das pinturas corporais, suas danças, seus artesanatos, entre outros objetos artísticos, visto que essa arte está presente em sua cultura. As manifestações artísticas produzidas pelos indígenas são carregadas de diferentes significados, muitos desses, relacionadas aos seus rituais e cerimônias. Seu mundo é uma mistura com o mundo espiritual e o com misticismo, o que não deixa de ser fascinante.

Ao entrar na Universidade Federal do Tocantins, no curso de Educação do Campo com licenciatura em Artes e Música, passei a conviver com um aluno da etnia Apinayé, os tempos foram se passando e cada vez nós alunos fomos conhecendo ainda mais suas culturas e costumes.

Na disciplina de Cartografia Social fizemos um trabalho para trazer para dentro da sala de aula o mapeamento e relatar um pouco da cultura indígena Apinayé. Ao acontecer à apresentação de um aluno indígena, ele falou um breve histórico da sua aldeia que fica localizada na aldeia São José, e em seguida falou sobre suas pinturas, inclusive uma que estava usando, que retratava em formas quadriculadas acompanhadas por tintas preta e vermelha que significava “onça-pintada.” Foi esse o ponto fundamental para despertar em mim a curiosidade de saber mais sobre os significados não só das suas pinturas, mas das suas artes que são produzidas dentro da sua comunidade.

No entanto, no segundo semestre conheci o programa PIMI (Programa Institucional de Monitoria Indígena) que tem como proposta auxiliar os alunos indígenas em suas atividades dentro da universidade. Foi nesse programa que pude conhecer melhor suas culturas, por atender toda a dificuldade do aluno indígena em todas as disciplinas do curso.

Ao trabalhar com esse programa, que na maioria das vezes acontece dentro de suas respectivas aldeias, passei a conhecer melhor o campo onde ele atua inclusive a escola que é constituída por professores da cidade, com exceção o professor de artes, que é um indígena, pois a aldeia deixa essa disciplina para os indígenas, visto que são dentro da disciplina de artes que são trabalhados suas culturas, incluindo o linguajar, suas pinturas, danças e artesanatos.

Foi a partir dessas experiências minhas no curso que surgiu o interesse em trabalhar com o tema: arte indígena, que foi realizado na escola Tekator, região de Tocantinópolis-TO, buscando ainda problematizar o conhecimento de suas artes, como ela é produzida e seus significados que ela tem para a sua etnia.

Tenho observado que os indígenas carregam consigo suas próprias culturas, incluindo suas artes indígenas como: as danças, pinturas e artesanatos que são passados de geração em geração, saberes esses que são carregados de significados, ensinados tanto pelos indígenas mais velhos como pelos professores indígenas dentro da unidade escolar na disciplina de artes. Nesse sentido, a pesquisa tem como problema: Que significado tem a arte indígena para os estudantes do ensino fundamental do 8º e 5ª ano da escola Tekator, aldeia Mariazinha, localizada em Tocantinópolis-TO?

A pesquisa realizada teve como objetivo principal compreender que significado tem a arte indígena para os estudantes do ensino fundamental da escola Estadual Indígena Tekator, localizada em Tocantinópolis-TO e como são desenvolvidas essa arte dentro da escola pesquisada. Como objetivos específicos, destaco: Compreender como essa arte é produzida nas aulas de artes do ensino fundamental do 8º e 5ª ano; Identificar a concepção de arte dos estudantes indígenas da escola pesquisada; Verificar quais materiais e técnicas são utilizados pelos alunos indígenas para produzir os trabalhos de artes. Como metodologia, foram utilizados a pesquisa qualitativa, com abordagem etnográfica e bibliográfica, além de questionários aplicados a estudantes indígenas, bem como a observação de como produziam os trabalhos artísticos deles na aldeia pesquisada.

A partir dessas primeiras considerações, esta monografia está dividida em 3 capítulos: no primeiro trago a introdução, onde apresenta um breve contexto de como começou o interesse de estudar esse tema. Já no segundo capítulo abordo quais foram os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta investigação, os instrumentos de coletas de dados, bem como os objetivos gerais e específicos, problema de pesquisa, o surgimento da temática, e dentro desse mesmo capítulo, a descrição breve dos sujeitos desta pesquisa: os estudantes apinayé, além de relatar um pouco do percurso, ao qual tive que percorrer para realizar essa pesquisa.

No terceiro capítulo desenvolvo alguns diálogos sobre o ensino de arte no Brasil, educação indígena e a arte indígena, das quais busco compreender melhor as ideias e reflexões produzidas a respeito do objeto de estudo desta pesquisa. Na sequência, apresento o resultado das análises desenvolvidas na escola Tekator, na qual busco compreender como a arte indígena é produzida na aldeia e que significado ela tem para o seu povo. Por fim, finalizo esta pesquisa com as considerações finais, das quais busco trazer alguns principais resultados alcançados com esta investigação e indicativos para estudos futuros.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa etnográfica “é uma abordagem qualitativa antiga que envolve a construção do conhecimento mediante o acesso e a permanência em um ambiente por tempo suficiente [...]” (FRANCO, 2018, p. 894). Ou seja, acontecem a partir de um ponto mediador a ser estudado em um determinado local da pesquisa. É uma pesquisa exploratória para se chegar mais perto do entrevistado, que utiliza-se como instrumentos o diário, a filmagem ou a gravação.

No que se refere à pesquisa bibliográfica, pode ser compreendida como:

[...] Feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Em outras palavras, é uma pesquisa que é complementada a partir das leituras de livros, artigos, teses entre outras bases bibliográficas, que serve para ampliar suas ideias e aprimorar o seu conhecimento sobre o objeto de estudo. Além disso, utilizei também a abordagem qualitativa, que se refere ao estudo da realidade a ser pesquisada e observada, bem como os sujeitos que participarão da pesquisa, neste caso, os indígenas Apinayé, da aldeia Tekator. A respeito dessa metodologia,

O pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados (TEIXEIRA, 2014, p.137).

A partir dessas estratégias metodológicas, a pesquisa qualitativa analisa e ajuda a identificar profundamente os dados de uma determinada pesquisa, além de ajudar a obter informações que sejam descritivas, na qual o pesquisador fará uma análise cuidadosa sobre o objeto de estudo.

Para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa, optei em utilizar a metodologia da pesquisa etnográfica que, segundo Lakesio se refere:

[...] Á análise descritiva das sociedades humanas, primitivas ou ágrafas, rurais e urbanos grupos étnicos, de pequenas escala. Mesmo o estudo descritivo requer

alguma generalização e comparação, implica ou explícita. Diz respeito a aspectos culturais. Consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre a sociedade em geral e na descrição (2007, p. 47).

Ou seja, é uma pesquisa que estuda os comportamentos, crenças, costumes e hábitos de um determinado grupo. A mesma exige vários percursos, entre eles podemos destacar como ponto principal o pesquisador e o pesquisado inseridos numa determinada cultura. Pois sem o pesquisador não há coletas de dados e sem o pesquisado não há pesquisa.

São essas as metodologias que me auxiliaram no percurso da caminhada como pesquisadora, pois a metodologia bibliográfica me proporcionou um melhor entendimento em fazer as determinadas leituras de artigos e livros. Sendo ela uma etapa de fundamental importância, é através dela que influenciou todas as demais etapas dessa minha pesquisa, foi por meio dela que me fez ter um maior conhecimento sobre a etnia apinayé que nos rodeia. A metodologia etnográfica me possibilitou conhecer e estudar de perto as crenças e os costumes da etnia Apinayé dentro da disciplina de artes em uma escola chamada Escola Estadual Indígena Tekator, que fica localizado na aldeia Mariazinha próximo ao município de Tocantinópolis-TO. A pesquisa foi desenvolvida com uma turma do 9º ano ministrada pelo professor que trabalha a disciplina de Artes dentro da escola.

Ao tentar entender a maneira de como são produzidas os seus artesanatos, danças e pinturas que são trabalhados dentro da disciplina de artes, optei por um estudo de caso que está interligado “[...] via de regra, a observações, documentos, anotações de campo e negociações com os participantes do estudo” (ANDRÉ, 1954, p. 52). É um método que consiste em estudo profundo de um ou poucos objetos de maneira que permite seu amplo e detalhado conhecimento.

O estudo de caso “é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes” (ROBERTA, 2001, p. 25) estudos esse que conta muito com a ampla variedades de evidências acontecida em determinado lugar, sendo elas, entrevistas, questionários, documento e observações.

Estudo esse que na maioria das vezes apresenta um problema que requer uma solução, é um método que estuda seu contexto de um determinado sujeito em seu mundo real, que abrange tudo com a lógica de planejamento incorporando suas abordagem específicas para uma análise de dados.

Na construção da minha pesquisa realizei uma pesquisa de campo que, segundo Vergara (1990) é uma observação feita no local onde a pesquisa será desenvolvida e ressalta que ela é, na maioria das vezes, da entrevista ou questionários.

2.1 Instrumentos de coletas de dados

2.3.1 Observação

Um dos instrumentos utilizados para a realização dessa pesquisa feita na turma do 5º ano foi a observação que é “[...] uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver ou ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que deseja estudar” (LAKATOS e MARCONI, 1991, p. 190). É através dela que o pesquisador traça os caminhos para analisar e observar os acontecimentos ocorridos dentro da sala de aula. A observação me auxiliou a identificar, dentre outras informações, objetos que foram trabalhados dentro da sala sobre a arte indígena na aldeia Mariazinha, na turma do 5º ano dessa escola.

A observação oferece várias vantagens e percalços para o pesquisador, vantagens porque é pelo meio dela que avaliamos sua eficácia usada em determinado objeto pesquisado. Para Lakatos e Marconi (1991, p. 191-192), as vantagens e percalços da observação são:

Vantagens:

- (a) Possibilita meios diretos e satisfatórios para estudar uma ampla variedade de fenômenos
- (b) Exige menos do observador do às outras técnicas.
- (c) Permite a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais típicas.
- (d) Depende menos da introspecção ou da reflexão.
- (E) Permite a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou questionários.

Percalços:

- (a) O observado tende a criar impressões favoráveis ou desfavoráveis no observador
- b) A ocorrência espontânea não pode ser prevista, o que impede, muitas vezes, o observador de presenciar o fato.
- c) Fatores imprevistos podem interferir na tarefa do pesquisador.
- d) A duração dos acontecimentos é variável: pode ser rápida ou demorada e os fatos podem ocorrer simultaneamente; nos dois casos, torna se difícil a coleta de dados.
- e) Vários aspectos da vida cotidiana, particular, podem não ser acessíveis ao pesquisador.

2.3.2 Questionário

Durante o convívio com os indígenas da etnia Apinayé, pude notar que eles são meios receosos em falar, principalmente quando se trata de falar seus costumes e culturas. Diante

disso, para facilitar o nosso diálogo, empreguei também como instrumento de coleta de dados os questionários que são,

O conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões fechadas ou questões abertas (SEVERINO, 2007, p. 125).

É um método que o entrevistador usa para coletar informações, usado se como uma técnica para coletar investigação de algum objeto em concreto que na maioria das vezes as questões são acompanhadas por escritas e podem ser grandes ou pequenas, isso vai depender entrevistador. O principal objetivo é instigar entrevistado através das perguntas. Além disso, é Uma técnica que permite uma investigação bastante eficaz, pois economiza o tempo entrevistador, dando se mais liberdade ao entrevistado.

O questionário foi realizado com 10 alunos, para responder o questionário constituída por 12 questões a respeito da Arte Indígena. E um questionário para o professor da turma do 8º ano do ensino fundamental II da disciplina de artes. As perguntas dos questionários foram a respeito dos significados das artes Apinayé produzidas pelos os estudantes indígenas na disciplina de artes, entre outras informações. Com efeito, “É um caminho seguido de um roteiro para obter informações do pesquisado, baseado numa perspectiva semiestruturada, que é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido” (MARCONI e LAKATOS, 2007, p. 93).

2.4 Quem são os apinayé?

Os Apinayé são um povo que habitam em 24 aldeias situadas no extremo norte do estado do Tocantins, numa zona de transição entre o cerrado e a Amazônia, numa região conhecida como “Bico do Papagaio” (ALBUQUERQUE e ALMEIDA, 2012). Tendo seu território localizado entre as margens do rio Tocantins e o Baixa Araguaia, não existem registros que suas terras antepassadas eram habitadas por outros habitantes.

Antes seu povo da etnia apinayé era dividido em apenas duas aldeias, sendo elas a aldeia São José e a Mariazinha, sendo elas as mais importantes da sociedade Apinayé e umas das que tem mais habitantes. A São José era e ainda se encontra uma das maiores aldeias dos Apinayé e é polo de todos as aldeias. Hoje a etnia encontra-se dividida em aproximadamente 25 aldeias. Além disso, são terras que ainda sobrevivem da pesca, da colheita do arroz, feijão

da mandioca e do comércio local e da aposentadoria dos mais velhos e de alguns programas do Governo Federal.

Seus povos são bilíngues, e utilizam da sua língua materna e o português. Em relação às crianças, a língua materna é a primeira língua adquirida pelas crianças dentro do domínio familiar. Segundo Almeida (2012) suas famílias são extensas e, na maioria das vezes, chega a morar até seis famílias em uma só casa, começando-se da primeira geração até a quarta geração.

Segundo Albuquerque (2012), o primeiro contato dos povos Apinayé com o não indígena se deu a partir do século XVII, em uma vila chamada Villa Real. A maioria dos formatos das aldeias são em formas de círculos, mas existem povos da etnia Apinayé em que seus formatos de casas são “arrendodadas”. No entanto, em alguns relatos, os mais velhos dizem que esse formato serve para fazer suas festas e rituais em frente de todas as casas, pois o formato redondo faz com que a frente de cada casa torna-se vazio. Além disso, os indígenas denominam os brancos de *kupen*, que em sua língua-significa homem branco.

Os indígenas carregam uma diversidade cultural que se distinguem do homem branco. No caso dos masculinos eles se diferenciam em seus cortes de cabelos, os seus furos nas orelhas que hoje só se encontra nos moradores mais velhos. Já as mulheres, em algumas aldeias, se diferenciam pelas suas vestes, que costuma deixar os seios amostra, mas vale ressaltar que esses costumes estão cada vez se acabando, pois costuma-se ficar sem roupas só quando acontece alguma festa ou cerimônia dentro da aldeia, cerimônia essa que todos costumam se pintar e se enfeitar com seus próprios acessórios produzidos pelas mulheres.

2.5 Contato com o local de pesquisa

A princípio eu faria minha pesquisa na Escola Estadual Indígena Matyk que fica centralizada na aldeia São José localizada há 18 km da cidade de Tocantinópolis e que é existente há 56 anos, segundo Albuquerque (2012). O nome Mătyk da escola é em homenagem a um grande líder indígena que os Apinayé tinham muito respeito, seu nome era José Dias Roxo. É uma das aldeias maiores e sua escola tem seu funcionamento matutino, vespertino e noturno, atendendo o ensino fundamental e médio. De acordo com Almeida (2012) ela é constituída por 21 professores, sendo eles 10 indígenas e 11 não indígenas, atendendo vários indígenas das aldeias: Palmeiras, Patzal, Bacabinha, Prata, Serrinha e Boi Morto.

Por ela ser a maior escola que existe da etnia Apinayé, resolvi desenvolver a minha pesquisa dentro da unidade escolar e conhecer melhor o espaço da pesquisa. Assim, saímos da cidade de Tocantinópolis 11h eu e mais dois colegas da Universidade Federal do Tocantins, que a também iriam também fazer a sua pesquisa na mesma escola da aldeia São José. Fomos de ônibus que leva os professores que mora na cidade. Ao chegarmos à escola não encontramos o diretor e nenhum professor de artes para dialogar melhor e explicar melhor o que nós pesquisadores tínhamos que realizar. Diante disso, quem nos atendeu foi a coordenadora e, como era final de bimestre da escola, não tinham todos os presentes naquele dia, e todo final de bimestre da aldeia são realizadas brincadeiras fora de aula, fazendo-se uma escala de professores em seu determinado dia de suas brincadeiras.

Em seguida, sentamos com a coordenadora e explicamos como seria a nossa pesquisa. Ao explicarmos ela nos relatou que os professores indígenas daquela localidade não estavam aceitando ninguém observar suas aulas, devido um acontecido que tinha ocorrido com algum observador que tinha observado suas aulas, mas não tinha sido todos os professores indígenas que tinha falado isso, então entrei em contato com essa professora, mas logo ela disse que também não aceitaria, então esperamos ônibus que saía às 17h30min da aldeia São José para deixar os alunos que moram em uma aldeia chamada Prata. Então fomos e ficamos na entrada dessa aldeia esperando um determinado carro que marcamos às 17h30min de nos buscar.

Como a minha pesquisa necessitaria de uma observação dentro da sala e é acompanhada de questionário com os alunos indígenas, quando se trata de um povo de uma cultura diferente eles são bastante receosos em falar com a gente, então com essa observação dentro da sala me facilitaria o contato melhor com eles, mas como não foi possível a pesquisa se realizar nessa escola, decidi fazer a minha pesquisa na aldeia Mariazinha.

No dia seguinte fui à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para procurar saber qual era o ônibus que ia para Mariazinha e onde esse ônibus passava. Ao pegar a informação marcamos de ir à aldeia no dia seguinte que saía da cidade às 11h30min para a escola que fica localizada na Aldeia Mariazinha (Escola Estadual Indígena Tekator), localizado a 20 km da cidade de Tocantinópolis, escola essa que é a segunda maior dos Apinayé, tendo seu funcionamento nos períodos matutino, vespertino e noturno, além de atender o ensino fundamental e médio. É constituída por 15 professores sendo 10 não indígenas e cinco indígenas.

Em percurso para aldeia Mariazinha verifiquei que vários professores moram na cidade e vão de ônibus chegar até aldeia. No entanto, esse ônibus busca também alguns alunos que moram em outras aldeias próximas. Nesse percurso, os professores descem do primeiro

ônibus e pega outro ônibus que vai a destinatário para aldeia Mariazinha. Ao chegarmos na aldeia encontramos o diretor Emílio que é indígena falamos com ele a respeito da nossa pesquisa e como que ela aconteceria em sua escola. A princípio nos recebeu muito bem e deu as boas vindas, pegamos sua assinatura no formulário de autorização da pesquisa e deixamos uma via com ele, em seguida fomos conversar com orientador pedagógico que ele que iria passar alguma explicação sobre os professores de artes e o esboço do PPP da aldeia que se encontra em andamento. Dialogamos bastante, nos mostrou a escola por completo e também nos deu as boas vindas.

Ao coletar os dados da escola voltamos no mesmo ônibus que chegando a determinado local descemos e andamos mais 3 km em estrada sem ser asfaltada junto com alguns professores que moram na cidade para pegar outro ônibus até a cidade. Mas vale ressaltar que nesse dia só voltamos nesse horário por conta que todos os professores estavam fechando o bimestre, então os alunos indígenas foram dispensados mais cedo. Assim, os ônibus retornaram mais cedo à cidade, mas quando estão em funcionamento normal, os professores que trabalham pelo período vespertino e noturno só vão embora às 22h30min, e os outros que ficam até às 17h30min ficam até um determinado e caminham esses 3 km para chegar a um povoado chamado Ribeirão Grande, para tentar chegar a tempo de pegar o ônibus da prefeitura. Contudo, quando acontecem de perder esses ônibus eles optam em pegar carona.

2.6 A origem no nome Tekator/Mariazinha

Segundo Célia Apinayé o nome Tekator vem de um indígena cujo seu nome era Tekator, que tinha uma mãe da etnia apinayé e seu pai da etnia krikati. Antes do seu falecimento da sua mãe Tekator residia na etnia apinayé, após morte de sua mãe seu pai resolveu voltar para Maranhão junto com seu filho Tekator. Assim, ao chegar à nova etnia krikati ele não acostumou com a ela, então resolveu voltar para o Tocantins e morar com alguns familiares, onde viveu muitos tempos na aldeia Botica.

Nessa aldeia conheceu sua esposa e, após alguns anos, tekator junto com sua família sentiu a necessidade de explorar seu próprio território. Assim, saiu junto com a sua família em busca de um novo lugar para morar na reserva indígena.

No entanto, a comunidade, ao saber que tekator junto com sua família tinha ido atrás de uma nova morada, achou se que eles não voltariam mais. Depois de longos tempos tekator volta à aldeia botica com intuito de convencer os moradores a irem morar em sua nova aldeia. Ao conversar com o cacique da aldeia, que por ventura aceitou a proposta, em seguida o

cacique conversou com a população da aldeia e resolveram juntar-se e formar apenas uma família e morar nessa nova aldeia. Dessa forma, toda a população concordou e logo acompanharam tekator e imediatamente foram demarcar suas casas. Logo depois de estarem todos presentes, decidiram colocar o nome da aldeia de Mariazinha, cujo o nome vinha da mãe de Tekator que se chamava Maria. E assim iniciou sua nova aldeia.

No entanto, seus serviços de roças eram todos comunitários e as decisões de dentro da aldeia eram tomadas coletivamente. Tekator preservou para seus moradores os seus costumes como as suas pinturas, que cada ocasião sendo ela festa ou evento, todos tinha que se pintar. Pintura essas que tekator deu nomes e significados para cada uma delas.

É possível dizer, portanto, que Tekator era um indígena respeitado e admirado por todos, contudo, não deixou herdeiros. Faleceu ainda jovem.

2.6.1 Local da pesquisa: Escola Estadual Indígena Tekator

Figura 01 - Imagem aérea da Escola.



Fonte: Cokim, 23 de junho de 2018.

A Escola Estadual Indígena Tekator está localizada na aldeia Mariazinha, há 20 km da cidade de Tocantinópolis, Tocantins. De acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP dessa escola, a mesma teve sua fundação em 1980 a cargo da FUNAI. Só no ano de 2001 que a escola passou a ser governada pelo governo do Estado do Tocantins por meio do decreto governamental n. 1.196 de 28 de maio de 2001, posteriormente regularizada pela resolução nº 79, de 17 de junho de 2013.

Oferece para a população indígena o ensino fundamental e o ensino médio, tem um currículo específico igual da cidade, acompanhado por algumas disciplinas indígenas, que servem para trabalhar as suas culturas. No entanto, os alunos adjacentes utilizam ônibus para o deslocamento até a escola.

No ano de 2014 a escola atendeu duzentos e noventa e nove (299) alunos; já no ano de 2018 a escola está atualmente com 312 alunos indígenas. O público da escola é todo indígena e tem seu funcionamento nos períodos: matutino, vespertino e matutino. Além disso, possui 4 salas regulares, 1 sala da AEI (Atendimento Especializado), 1 sala de livros, 1 cozinha, 1 cantina e 4 banheiros, sendo eles 2 femininos e 2 masculinos. A escola ainda não possui biblioteca, então eles disponibilizaram essa sala dos livros para servir como biblioteca que é usada também para coordenação da escola. A escola ainda possui um pequeno pátio que é usado para algumas apresentações que ocorrem nela, mas não possui quadra esportiva, usa-se um espaço fora da escola em frente a casas dos moradores para jogar futebol e uma rede para as meninas jogar vôlei. A seguir mostro o quadro dos servidores da escola:

Tabela 1 – Servidores da escola.

EQUIPE DIRETIVA	AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS
01-Secretaria Geral	03 servidor
01-Diretor	MANIPULADORES DE ALIMENTOS
01-Coord, pedagógico	02-Manipuladores de Alimentos
01-Coord. De Apoio Escolar.	VIGIAS
01-Aux. De Apoio	03-Vigias
01-Administrativo	PROFESSORES
01-Orientador Escolar	10-Professores Indígenas
	07-Professores não Indígenas

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

De acordo com o PPP 2016 o espaço físico da escola é bastante alambrado, pois é composto por 2 prédios. Antes a escola tinha só um prédio que funcionava com apenas 2 salas de aula, uma sala com banheiro que era usado como sala dos professores. Nessa sala tinha armários para os professores organizar seu material pedagógico e uma sala que servia como a secretária composta por 2 mesas, 1 computador e 1 armário para guardar a documentação dos alunos. Além disso, ainda tinha 1 sala que servia para tirar a Xerox dos alunos e ao mesmo tempo funcionava como direção.

No ano de 2006 o segundo prédio foi construído ao lado do antigo prédio, formando-se 2 prédios. O novo contou com 4 salas de aula, constituídas por quadros e ventiladores. Ao lado de umas das salas de aula funcionava uma cantina que serve como depósito da merenda e uma sala que funcionava como coordenação pedagógica.

A escola conta com profissionais indígenas que trabalham na aldeia com a alfabetização da 1ª ao 4ª ano da primeira fase do ensino fundamental e com as disciplinas específicas como: Língua Indígena, Arte, Diversidades Indígenas e Saberes Indígenas. Do 6º a 3º série do ensino médio conta com quadro de docente não indígena que trabalha com as disciplinas: Português, Matemática e Ciências. Dessas turmas apliquei um questionário para turma do 8º ano, onde irei aplicar o mesmo para 10 alunos. Usarei como critério de escolha para aplicação do questionário a frequência mensal da disciplina de artes.

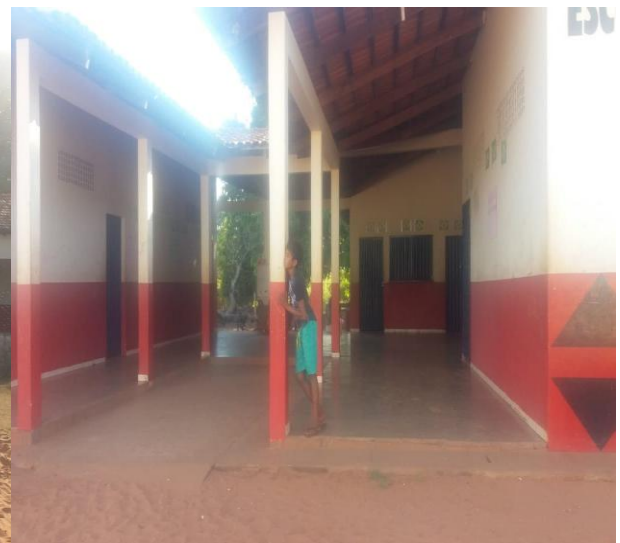
Os motoristas que levam os professores não indígenas para a escola e alguns alunos de outras aldeias para escola Teleator, na maioria das vezes, só retornam para a cidade à noite. Abaixo mostro algumas fotografias referentes aos espaços interno e externo da escola.

Foto 02 - A frente da escola.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Foto 03 - Pátio da Escola.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Foto 04: Local onde são realizadas as aulas esportivas

Figura 05: Ônibus que carrega alunos e professores



Fonte: Elaborada pela autora (2018).



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Breve contextualização do ensino de arte no Brasil

O ensino de Arte no Brasil foi quebrando os preconceitos a partir da instalação da Academia de Belas Artes, porém vale ressaltar que não foi logo de imediato haja vista que tais preconceitos já estavam presentes durante todo o século XIX. Entretanto os organizadores que compunham a Academia de Belas Artes eram franceses, o que de certo modo, não era genuinamente brasileira.

De acordo com Barbosa (2006) chegaram ao Brasil um grande grupo de artistas para compor a Academia que foi fundada primeiramente por meio do decreto de 12 de agosto de 1816 com o objetivo de fundar colocar em funcionamento a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. No entanto, foi modificada para Academia Real de Desenhos, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, posteriormente em 1826 após a proclamação da república passou a se chamar Academia Nacional de Belas Artes.

Devido a questões políticas o Brasil sofria com preconceito em relação ao ensino de Arte, sendo que isso se devia ao fato de que em Portugal não tinha uma Academia como a que foi projetada por Lebreton para o Brasil. Outro fator se referia ao estilo, pois os franceses tinham uma orientação neoclássica e os brasileiros tinham uma tradição barroco rococó.

Diante disso o autor ressalta:

Aqui chegando, a Missão Francesa já encontrou uma arte distinta dos originários modelos portugueses e obra de artistas humildes. Enfim, uma arte de traços originais que podemos designar como barroco brasileiro. Nossos artistas, todos de origem

popular mestiços em sua maioria, eram vistos pelas camadas superiores como simples artesãos, mas não só quebraram a uniformidade do barroco de importação, jesuítico, apresentando contribuição renovadora como realizaram uma arte que já poderíamos considerar como brasileira (BARBOSA, 2006, p. 19).

Nesse sentido podemos evidenciar que a Arte no Brasil passou por alguns problemas para a sua consolidação principalmente no que se refere ao seu estilo, ou seja, ter algo predominantemente brasileiro, sendo que houve a instalação do neoclássico dos franceses tendo em vista que foram os mesmos que efetivaram a Academia de Belas Artes no país. E com isso o barroco e os artistas que eram vistos como apenas artesãos não foram considerados.

Para a grande maioria a Arte era vista somente como um acessório, um instrumento para a modernização e nesse sentido não se levava em consideração a sua importância para o indivíduo e para a sociedade. Com a chegada de D. João VI e a Reforma de Pombal permitiu uma abertura no que tange ao ensino de Arte no Brasil, ou seja como era chamado ensino de Desenho. No entanto, como não sabemos como era empregada a metodologia pensa-se que era uma nova abordagem educacional sua inclusão no currículo como também a criação de uma aula régua de Desenho.

Nessa perspectiva o autor menciona:

Uma vez que a arte como criação, embora atividade manual, chegou a ser moderadamente aceita pela sociedade como símbolo de refinamento, quando praticada pelas classes abastadas para preencher as horas de lazer, acreditamos que, na realidade, o preconceito contra a atividade manual teve uma raiz mais profunda, isto é, o preconceito contra o trabalho, gerado pelo hábito português de viver de escravos (BARBOSA, 2006, p. 27).

Assim observamos que os preconceitos relacionados ao ensino de Arte no que se relaciona a atividade manual advêm principalmente dos hábitos dos portugueses de viver dos escravos, uma vez que a mesma chegou a ser considerada como símbolo de refinamento pela sociedade da época. Então reiteramos que esse preconceito se aplica a atividade industrial, pois a grande maioria da nossa população no século XIX era composta por escravos.

No decorrer dos anos a Arte foi ganhando outros ideais como podemos citar o romântico, desenho figurado, arte visual, e com o fim da escravidão foi perdendo o caráter de trabalho manual para um olhar mais social que foi se firmando na educação primária e secundária e assim sua importância como uma linguagem técnica e linguagem de ciência que se iniciou no século XX.

A partir do século XX O Brasil tentou acompanhar as mudanças principalmente nas áreas filosóficas, políticas, pedagógicas e estéticas que serviram como embasamento para o

movimento republicano de 1889 e isso veio refletir no ensino de Arte na escola primária e secundária, o que podemos notar uma presença modernista em nossa cultura.

Contudo esses ideais modernistas não tiveram influência na escola primária, secundária e no ensino superior, pois esse último já tinha como modelo a Escola Nacional de Belas-Artes, enfatizando que a mesma empregou sua metodologia nos vinte e dois primeiros anos na educação primária e secundária, porém a grande preocupação se referia a sua obrigatoriedade. Dessa forma o autor evidencia:

É preciso, esclarecer antes de tudo, que o ensino de Arte na escola secundária e primária se resumia ao ensino de Desenho. Um dos primeiros textos sobre a necessidade de se exigir o ensino de Desenho nas escolas secundárias foi escrito por André Rebouças em O Novo Mundo, jornal publicado em Nova York por um brasileiro, José Carlos Rodrigues, e escrito em português, com larga repercussão entre os intelectuais brasileiros pela atualização das informações que veiculava, numa época em que os meios deficientes de comunicação mantinham as nações subdesenvolvidas em isolamento cultural (BARBOSA, 2006, p. 33).

Assim o ensino de Arte foi ressaltado como um complemento da caligrafia, da escrita, e da ortografia, a mesma deve ser compreendida como uma necessidade e portanto deve está presente em todas as classes da sociedade sem distinção. Sendo que a arte está em tudo com os artistas, operários e dentre outros, porém deve-se ter um olhar para poder enxergá-la.

Para Rui Barbosa o Desenho merecia um lugar de destaque no currículo primário e secundário, sendo que de acordo com o seu pensamento a política liberal tinha como objetivo enriquecer economicamente o país e isso só ocorreria por meio do desenvolvimento industrial e de uma educação técnica e artesanal. Segundo ele a educação artística era a base para a educação popular e seu modelo era baseado no americano que era obrigatório o ensino de Arte em todas as modalidades de ensino.

De acordo com o texto o ideário positivista tinha como intuito de revogar a Academia e de reorganizar o Ensino de Arte, sugeria também o retorno ao processo de aprendizagem sob o regime de uma digna imitação dos verdadeiros artistas. Nesse sentido o autor (Pg. 66) assinala:

Com o objetivo de regenerar o povo, achavam ainda que o governo devia difundir o ensino de Arte em todas as escolas públicas de todos os graus, dele devendo encarregar-se os estudantes de Pintura e Escultura nomeados em virtude de prévio concurso, aos quais caberia também a função de preparar os professores e professoras das escolas públicas para presidirem as aulas artísticas ficando assim aptos a apresentarem um tipo mais completo do guia mental da segunda infância (BARBOSA, 2006, p. 66).

Assim podemos notar que o Ensino de Arte passou um longo período de transições de modelos sendo que isso veio de certo modo atrapalhar para a sua consolidação, até porque

ainda nos dias atuais não temos um modelo do ensino de arte genuinamente brasileiro sempre tem influências de outros lugares e isso faz com que o nosso não seja contemplado e valorizado como deve ser, haja vista que somos um país miscigenado o que nos faz pensar que a nossa cultura é bastante rica e por isso tem-se uma grande variedade no que se refere a Arte no Brasil.

A Arte é constituída por diferentes manifestações e isso ocorre desde os primórdios da nossa civilização, pois isso ocorre devido à interação com o mundo e com o que vivencia em seu dia a dia. Com relação aos conteúdos de Arte a escola pode diversificar por meio de formações artísticas, estéticas, vivências emotivas, cognitivas, artes visuais, música, dança, teatro, e artes audiovisuais.

É importante lembrar que não é somente na escola que se aprende a Arte, a mesma está inserida na família, nos centros culturais, museus, teatros, igrejas, meios de comunicação e outros, porém é na escola que as crianças têm a oportunidade de assimilar como ocorre o processo de aprendizagem de como apreciar uma Arte. No entanto, na escola esse momento é limitado, pois ocorre em espaço e tempo curriculares, mas isso não impossibilita a aquisição desses conhecimentos, diferentemente de um lugar aberto em que o indivíduo pode contemplar o tempo que achar conveniente.

Desse modo o autor Ferraz; Fusari enfatiza:

Em suma, para desenvolver bem suas aulas, o professor que está trabalhando com a arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos, e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos mesmos. Nessa concepção, sequenciar atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural, deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno(1999, p. 21).

A arte como uma ferramenta de estudo crítica, ou seja, que nos permite refletir sobre as formas como enxergamos o mundo tem a ver com o que defende Bosi (apud PORTES, p. 91) quando este diz que a arte funciona como um jogo que combina sensações, imagens e representações, as quais agem como filtros que servem para averiguar, defender e respeitar determinados estilos de arte.

Arlan e Iavelberg (2009) ressaltam que na ausência de museus, oficinas e galerias para levar seus alunos a apreciar algum inventário artístico cultural, podemos nos empoderar mais no local onde vivemos e levar esses alunos para apreciar e ao mesmo tempo valorizar algo que temos na nossa região e que na maioria das vezes são automaticamente esquecidas, visto que:

[...] o interesse em estudar ou apreciar arte surge pelo relacionamento com a linguagem artística. [...] o arte educador pode pesquisar ao redor da escola, no bairro onde trabalha, fazer uma caminhada atenta e perceber as imagens e manifestações artísticas que emergem no local e elaborar um inventário artístico- cultura da região. Identificar as manifestações que contenham artiscidade pode ser um trabalho coletivo dos alunos, orientados pelo professor (ARSLAN; IAVELBERG, 2009, p. 41-42).

Por esses pontos que foi citado acima, a arte pode ser considerada como uma atividade que proporciona conhecimento tanto abstrato como concreto sobre determinada cultura, pessoas, lugares, entre outros artifícios que a fazem funcionar como um tipo de comunicação, expressão e identidade capaz de gerar sentimentos em indivíduos, seja em sua esfera social ou coletiva.

Amâncio (2015) ressalta que as artes visuais no Brasil passaram a valorizar o conteúdo artístico nacional, sob o olhar do regionalismo e suas particularidades, a partir da Semana de arte Moderna ocorrida em 1922, que teve como principal objetivo ressaltar a nossa arte como identidade e cultura.

3.2 A Educação Indígena no Brasil

Ao começar dialogar sobre esse assunto, vamos voltar lá na década 70, década que os indígenas começaram reivindicar seus direitos sobre território e sua cultura, junto dessa luta encontrava a educação indígena, onde lutava por uma educação culturalmente diferenciada.

A Educação Escolar Indígena no Brasil se iniciou mais efetivamente a partir da década de 1990, isso se deve ao fato de que se passou a pensar uma nova concepção de escolarização para as comunidades indígenas como, por exemplo, o reconhecimento de uma pluralidade cultural do país; a promulgação 85 da Constituição Federativa do Brasil em 1988 e dentre outros fatores.

Dessa maneira ressaltam:

Inicialmente, é preciso ressaltar que identificamos, na história da Educação Escolar Indígena do Brasil, um processo educativo que figura até os dias de hoje como elemento relevante para a construção e a manutenção do sistema colonial e colonialista. Desse modo, entendemos que sempre se tomou a educação escolar como ferramenta para alinhar os indígenas aos projetos de subalternização. É importante salientar que, apesar dos esforços empreendidos, os indígenas não perderam sua identidade, estabelecendo um processo de ressignificação de sua cultura diante das demandas colocadas pelos contatos (KANAPP e MARTINS, 2013, p. 85).

Nesse sentido a Educação Escolar Indígena como deveria ser e como se pensa em relação a essa nova escola/educação como fora dito anteriormente ainda se encontra num

processo de instalação, vista que, devemos levar em consideração que existem inúmeros grupos indígenas, porém cada um detém de suas especificidades e não perderam a sua identidade, por mais que tenham sofrido tantas interrupções no decorrer de sua história.

O interesse em estudar os indígenas só ganhou destaques a partir segunda metade do século XX, ganhando-se destaque em trabalhos artigos, tese de doutorados e mestrado, “o levantamento evidenciou muitos temas e problemas enfocados nas dissertações e teses reunidas em seu inventário sobre a educação para os povos indígenas no Brasil” (CANCIO, 2017, p. 65). A partir desse grande interesse pelo o tema, o numero de trabalhos produzidos no Brasil sobre a educação indígena foi cada vez ganhando mais destaque e o numero de escolas indígenas e estudantes oi cada vez aumentando.

Após a implantação da educação indígena em seus territórios culturais, a FUNAI que é:

O órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.(FUNAI, 2016).

Foi esse o órgão que ficou responsável em coordenar a educação indígena, órgão esse que trouxe a obrigatoriedade de ter o ensino bilíngue em seus territórios que teve como seguro a lei federal n. 9.394/1996 do artigo 32: diz que o ensino fundamental, o ensino deve ser ministrado em língua portuguesa, mas que será assegurado o ensino da língua materna nos processos de aprendizagem.

No entanto foi por meio da FUNAI também que os indígenas passaram a exercer funções de docente nas escolas das suas aldeias. Em 1991, Após várias transformações a FUNAI passou a responsabilidade para o MEC (Ministério da Educação) junto com as secretarias da Educação dos estados e Municípios órgãos esses que são responsáveis até os dias de hoje pela educação indígena.

De acordo com site Senso Escolar Indígena (SEI) de 2018 diz que hoje em dia existe 8.431 docentes em nosso país. A tabela abaixo mostra o perfil dos professores indígenas.

Tabela 2 - Perfil dos professores Indígenas.

9,95%	Não concluíram o ensino Fundamental
12,5%	Concluíram o ensino Fundamental
64,83%	Tem o ensino Médio Completo

13,17%	Tem o ensino Superior Completo
---------------	--------------------------------

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Podemos perceber através da tabela acima, que o número de professores que tem o ensino superior é muito pouco perante o número de professores que tem apenas o ensino médio completo, mas que atuam como professores em suas respectivas aldeias. Esses percentuais acima mostram que a qualificação em relação à formação dos professores quanto ao ensino médio e superior melhoraram bastante em vista aos séculos atrás que não se pensava em uma educação para esses indivíduos.

Segundo (SIE) 2018 as escolas indígenas de hoje, é constituída por 163.773 estudantes indígenas. A tabela abaixo ilustra um pouco esses dados:

Tabela 3 - Distribuição dos estudantes indígenas por região.

REGIÃO	ESTUDANTE/ PORCENTAGEM
Norte	52,53%
Nordeste	23,16%
Centro-Oeste	15,48%
Sudeste	2,92%
Sul	5,91%

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Poderíamos notar através da tabela acima, que a maior região que ganha destaque em ter mais estudantes indígenas é a região norte com o percentual de 52,53%. Atualmente segundo o senso do IBGE 2010 a comunidade indígena desse país segue um total de 896.17 pessoas. Sendo, 324.834 vivem na cidade e 572.083 mora em áreas rurais, ou seja, esse número corresponde aproximadamente 0,47% da população do nosso país.

Desse modo é relevante ressaltar que esse olhar em relação aos indígenas somente vem ocorrendo recentemente a partir do século passado, como bem reitera Paladino (2001), esse período que envolve a educação escolar indígena ficou marcado pela separação da escola denominada de “integralista” com o advento da escola conhecida como “libertadora”. No tocante a isso:

As primeiras Assembleias Indígenas, no final da década de 1970, propiciaram articulações de diversos grupos que, antes isolados, ampliaram a relação em busca de direitos indígenas. Os resultados dessas reuniões tornam-se perceptíveis a partir

do processo de reconhecimento da pluralidade étnica e cultural do Brasil na Constituição Federal de 1988. Essa Constituição é considerada um marco importante por inaugurar um momento de ruptura sobre as políticas desfavoráveis às sociedades indígenas brasileiras (KANNAPP; MARTINS, 2013, p. 89).

Assim percebemos que essa discussão é bem recente e nesse caso é necessária que se reconheça essa grande diversidade étnica e cultural do Brasil como bem está explicado na Constituição Federal de 1988, pois não basta apenas criar uma lei sem que não saia do papel e colocada em prática, ainda mais quando se refere aos indígenas que infelizmente ainda são discriminados e tem lutas constantemente em prol dos seus direitos que na maioria deles não tem seu valor reconhecido pela nossa sociedade.

No tocante aos estudos e pesquisas direcionados a educação indígena pode notar que os autores trazem uma excelente contribuição a cerca da quantidade que vem sendo escritas e publicadas no Brasil e assim nos certificamos da importância que os mesmos têm para a nossa sociedade.

Desse modo,

Desde então, a temática da educação indígena tem sido bastante explorada seja em relatórios técnicos produzidos por órgãos governamentais de planejamento e execução de políticas educacionais voltadas para essa população, seja em trabalhos acadêmicos que resultam de pesquisas realizadas em nível de pós-graduação ou em artigos divulgados em periódicos científicos (MAROLDI, 2017, p. 680).

No entanto ressalta-se que a grande maioria dos trabalhos produzidos sobre educação indígena está direcionada ao estudo da arte contemplando assim os aspectos e elementos que envolvem essa temática, porém enfatizamos que há muito a ser estudado e pesquisado na área da educação indígena, pois assim como os outros povos são dotados de particularidades que são muito instigantes e interessantes de serem estudadas e analisadas.

Dessa forma ressaltamos a relevância de termos um olhar mais crítico para essa área, pois sabemos da contribuição que os indígenas têm para a nossa cultura e não podemos descartar como se fosse algo irrelevante tendo em vista que somos pertencentes a essa cultura tão cheia de peculiaridades e simbologias não somente para eles, mas também para toda a sociedade.

Contudo a partir dos dados e informações que foram explicitadas no decorrer do texto, percebemos que apesar de bem ampla essa temática ainda é pouco estudada e, sobretudo notamos que a maioria das teses tanto de mestrado como de doutorado estão veiculadas a educação, porém têm várias outras opções e alternativas de estudo, haja vista, que a cultura indígena detém de muitas possibilidades de aprendizagem.

3.2.1 Arte Indígena

Dessa forma, a arte indígena, tema desse estudo, surge como traço cultural de povos ameríndios, carregada de simbologias e impressões que se fazem refletir sobre a história de si mesmo e sua trajetória no tempo, tornando verdade o que diz Barbosa (apud PORTES, p. 93), quando diz: [...] a arte aguça os sentidos e, portanto, pode transmitir significados que nenhuma outra linguagem, nem mesmo a discursiva e a científica, pode transmitir, tornando possível saber quem somos, onde estamos e como nos sentimos”.

Porém, para que haja essa identificação cultural é necessário antes conhecer como a arte ocorre nesse campo, e em que situações se estabelecem significados entre as pessoas que participam da mesma comunidade indígena, ou seja, que traços são construídos para que se repasse a história de todo um povo a partir do fazer artístico característico dessa sociedade.

Como diz Gadamer (apud PORTES, p. 95-96), “a arte só tem sentido se for compreendida, uma vez que só assim haverá a participação do espectador. É preciso perceber que nela há algo que “está lá” para nós”. Ou seja, que precisa ser descoberto, compreendido e refletido, para torná-la então um sentido, uma realidade.

É importante que se faça a correspondência entre o ensino de arte e a arte indígena, de modo a realizar o intercâmbio para o sentido e significado de arte como uma interpretação da cultura desse povo. Isso se daria, principalmente no campo das artes visuais, uma vez que elas ocorrem sobre a mesma perspectiva, ou seja, a visual, ligando imagens ao entendimento de ideias que esperam traduzir.

Diante disso devemos nos atentar também para a oferta de educação que vem sendo oferecida aos indígenas, no entanto para que possamos compreender faz-se necessário voltarmos um pouco na História do Brasil, pois a grande maioria é sabedora de que essa educação teve início com a chegada dos jesuítas no nosso território. De acordo com o que estudamos os padres jesuítas vieram para o Brasil com o objetivo de catequizar os índios, porém devemos nos reiterar de alguns fatos importantes.

[...] o objetivo desses missionários era converter os nativos à fé cristã. No entanto, a ação pedagógica desenvolvida pelos jesuítas não visava somente à catequização dos indígenas, mas era uma forma de inculcar a cultura letrada do colonizador, conforme argumentam os inúmeros estudiosos da educação jesuítica no Brasil colonial (MAROLDI, 2017, p.680).

Nessa perspectiva não era somente catequizar os índios o intuito dos jesuítas, mas fazer com que eles se certa forma rejeitassem a própria cultura colocando em mente uma outra

que não era pertencente aos mesmos, ou seja, agregar valores, costumes da cultura dos portugueses. Isso nos faz refletir como esse povo sofreu para não deixar de lado sua cultura, pois não era apenas a apropriação de outra, mas também tinha o fato da escravidão que eles sofriam.

A Arte de acordo com Alfredo Bosi existem três possibilidades de compreensão de concepção de arte: arte como construção, como conhecimento e como expressão. Na primeira possibilidade, a arte é discutida como sendo a matéria mudando de forma pelo fazer humano, numa transformação de natureza em cultura, cabendo ao artista, conhecedor das técnicas, realizar esta construção que, como num jogo, combinaria sensações, os imbricados caminhos para a compreensão da arte imagens e representações.

No que se refere aos vários conceitos de Arte, notamos que cada grupo é possuidor de uma cultura diferente o que nos possibilita tecer inúmeras discussões a respeito dessa questão tão instigante e motivadora, sendo que a partir de interpretações é que podemos realmente construir um diálogo mais eloquente sobre essa indagação.

Segundo Kant o conceito de Arte está atrelado a um gosto refinado e informado, ou seja, tem que se ter informações principalmente pelo fato de que como foi ressaltado a Arte é contemplada por meio dos sentidos, de um olhar mais apurado e acima de tudo saber distinguir uma da outra, como foi bem frisado no decorrer do texto somos agraciados com a mesma todo o tempo e em todos os lugares, seja de maneira mais presente ou de modo mais sutil.

Nesse contexto elucidamos que a arte indígena detém de muitas variedades e diante disso é importante que saibamos reconhecê-la e apreciá-la, tendo em vista que estamos ainda percorrendo um percurso bastante conflituoso no que se refere a sua consolidação, principalmente pelo fato de que grande parte de nossa sociedade ainda não consegue compreender a importância de tais para a nossa cultura.

Assim, segundo Amâncio :

A Arte então extrapola as funções estéticas, ou seja, é além de uma experimentação plástica, é além de uma escolha de materiais ou método, essas funções podem ser as impulsionadoras e as mediadoras entre os outros contextos, mas não se esgota nisso, a arte abre espaço para uma construção humana, para dar voz e vez aos sujeitos da nossa sociedade, a arte é meio de expressão, transformação, de amadurecimento, de questionamento (2015, p. 23).

A partir desse ponto de vista acima, pode-se dizer que a arte indígena ganha a função de representar, além da cultura e identidade de um povo, a linguagem que estes usam para se

comunicar com o mundo, o que funciona também como uma forma de manter viva a tradição dessa sociedade e fazer com que outras pessoas reflitam sobre essa importância.

É importante incluir nessa reflexão a presença do contexto histórico dos povos indígenas, de modo a fazer o que a autora propõe que é a de criar debates sobre suas trajetórias de vida, social e cultural, que mostrem o índio como ser de individualidade e coletividade, ou seja, que exerce um papel social tanto em nossa história como na compreensão da realidade em que nos encontramos, e, através disso, se pode perceber a maneira como os seres humanos estão interligados uns aos outros, seja pela cultura, ou pela forma de organização.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISES DOS DADOS

Venho através desse capítulo apresentar o percurso da coleta de dados por meio do questionário semiestruturado aplicado com estudantes indígena e da observação realizada na sala do 8º e 5º anos na aldeia Mariazinha, na escola Estadual Indígena Tekator, Tocantinópolis. De princípio fui à Diretoria Regional de Ensino (DRE) para saber qual ônibus era responsável de levar os professores da cidade de Tocantinópolis que trabalham na aldeia para as aulas nessa escola, e me informar qual o horário e o local que esse ônibus pegava esses professores, fui informada que o horário de sua ida era as 11:30 e retorno as 22:00. Porém, como a maioria dos professores tem sua carga horária de disciplina distribuída entre dia e noite, e os alunos do ensino médio da aldeia estuda a noite, os professores só retornam para a cidade de Tocantinópolis as 22h00min.

Quando a escola tem um evento e os alunos são liberados mais cedo, os professores pegam o ônibus que vai deixar os alunos do período vespertino, na entrada de uma aldeia próxima a aldeia Mariazinha. Após isso, os professores percorrem 3km para chegar em um povoado chamado Ribeirão Grande, para pegar um ônibus que sai as 17:30 para buscar os alunos desse povoado para estudar em Tocantinópolis. Assim, em boa parte da minha ida aldeia, para a coleta dos dados desta pesquisa, tive que percorrer todo esse trajeto que, de acordo com alguns relatos dos moradores da aldeia, costuma aparecer sempre onças, pois se trata de percurso totalmente desabitado por moradores e cercado por matas.

No entanto, quando eu não fazia essa trajetória de percorrer 3km a pé para chegar nesse determinado local, em algumas dessas idas eu conseguia carona com pessoas que iam

visitar a aldeia ou, até mesmo, pessoas que buscavam realizar algum tipo de trabalho dentro da aldeia.

Chegando à aldeia fomos bem recebidas e, em seguida, falamos com o diretor a respeito da realização da pesquisa a ser desenvolvida na aldeia. Logo fomos autorizadas para fazer a pesquisa na unidade escolar localizada nela e, posteriormente o coordenador pedagógico nós apresentou o ambiente escolar e passou para nós alguns dados da escola. No primeiro momento não tive contato com a professora de artes, pois no dia que fomos à aldeia ela não iria dar aula. A professora responsável pela turma do 8^a ano de artes é indígena, nasceu e se criou na aldeia, mas hoje ela reside na cidade de Tocantinópolis.

No 2^o momento eu já estava com horário em mãos, então me organizei para ir a aldeia no dia que a professora ministrariam alguma aula, chegando à unidade conversei com a professora respeito da minha pesquisa e em seguida ela aceitou eu observar algumas aulas suas. Como no dia que fui ela não estava ministrando a aula de artes, não observei sua aula, porém ela cedeu uma das suas artes do 8^o ano, para aplicação do questionário. Nesse dia fiz o mesmo percurso que foi citado acima para chegar a minha residência.

Na 3^o visita apliquei o questionário com os alunos do 8^o ano, sendo esse instrumento metodológico constituído por 12 questões. Apliquei-o a 11 alunos de ambos os sexos, visto que a professora me auxiliou, pois as perguntas deveriam ser de entendimento dos indígenas, uma vez que eles falavam em sua língua materna. É importante ressaltar que os meninos do 8^o ano falam a língua portuguesa, mas tinha alguns nomes que ainda eram estranhos diante do seu saber. Então eles perguntavam a professora em sua língua materna e em seguida a professora explicava para eles, traduzindo. A 4^o visita estava programada para realizar as observações em sala de aula, mas como a professora juntos com outros professores estavam realizando um projeto na Aldeia da Prata, próxima a Mariazinha, então a observação não ocorreu nesse dia. Já à 5^o visita não teve aula, pois eles estavam na semana de prova. Depois de marcar a observação na sala 8^a ano, a professora, por motivos pessoais, não pode comparecer nas aulas, com isso fiz minhas observações na sala do 5^a ano. Já na 6^o e 7^o foram realizadas a observação em sala de aula, onde observei suas aulas. Assim, nas páginas a seguir mostro um pouco como se deu essas observações.

Vale ressaltar que todas essas idas e vindas à aldeia exigiu de mim como pesquisadora mudanças em todos em nossos hábitos do dia a dia, pois como o ônibus passava bem cedo e, para se deslocar da minha casa para o ponto de ônibus, era um pouco longe, então isso exigia que eu saísse de casa um pouquinho -mais cedo, e com isso sempre levavam almoço para me alimentar na unidade escolar.

Mas com todos os obstáculos enfrentados durante essas idas e vindas da aldeia, a pesquisa em si foi algo de fundamental importância, pois pude conhecer de perto e com mais profundidade, uma cultura rica que temos em nossa região e conhecer e analisar como que é o ensino escolar dentro de uma aldeia, e como que é trabalhada a disciplina de artes envolvendo seus costumes e culturas.

Tabela 4 - Perfil dos indígenas.

NOME	ETNIA	ALDEIA	CIDADE
Indígena 01	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 02	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 03	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 04	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 05	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 06	Guajajara	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 07	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 08	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 09	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 10	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis
Indígena 11	Apinayé	Mariazinha	Tocantinópolis

Fonte: Elaborada pela autora (2018).

4.1 Análise dos questionários sobre a arte indígena

Segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 23) “analisar significa estudar, decompor, dissecar, dividir, interpretar. A análise de algo se refere ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos”. Ou seja, é averiguar algo de maneira minuciosa, com mais detalhes possíveis.

Nesse sentido, com relação à pergunta direcionada aos indígenas sobre o que representava a arte indígena para eles, logo eles me responderam:

É cultura (EI 01)

Gosta muito (EI 02)

É cultura, gosto muito (EI 03)

Gosto Muito (EI 04)

Eu gosto muito, é minha cultura apinajé é muito boa (EI 05)

Onde eu vivo é na cultura do índio, é muito importante participar das culturas apinayé é muito bom (EI 06)

É cultura (EI 07)

Gosto Muito (EI 08)

Gosto muito porque é minha cultura (EI 09)

É boa (EI 10)

É a vida apinayé (EI 11)

É possível observar na maioria das suas falas que todos mencionam que a arte indígena representa cultura, pois a sua origem é carregada de simbologias, costumes vivos que são passados de geração e geração. E hoje esses jovens indígenas aprendem esse saber tanto dentro da escola como em suas respectivas aldeias.

Além disso, a maioria relata que gosta muito, pois a arte é algo pertencente a sua cultura apinayé. Embora alguns costumes não são os mesmos dos antepassados, muitas culturas ainda predominam em sua terras indígenas.

Ao perguntar sobre os tipos de artes que são produzidas durante o semestre, os indígenas assim responderam:

Colares, Pinturas e Artesanato (EI 01)

Pinturas, Colares e Artesanato (EI 02)

Artesanato, Pinturas e Colares (EI 03)

Pinturas, Colares e Artesanato (EI 04)

Pinturas, Artesanato e Colares (EI 05)

Colares, Pulseira, brincos e Artesanato (EI 06)

Pinturas, colares e Artesanato (EI 07)

Colares, Artesanato e Pinturas (EI 08)

Pinturas, Colares e Artesanato (EI 09)

Artesanato, colares e Pinturas (EI 10)

Pinturas, Colares e Artesanato (EI 11)

Podemos identificar que em todas as falas acima eles relatam que durante o semestre na disciplina de artes ministrada por uma professora indígena é aprendido artes relacionados com a pintura, visto que são ensinados como que são desenhadas as pinturas durante alguma cerimônia ou ritual acontecida dentro da aldeia, da qual se ensina as técnicas usadas para fazê-las, que na maioria das vezes, são produzidas sobre o corpo do próprio indígena. É ensinado também colares que são feitos de miçangas e por sementes que são coletadas da própria aldeia. Além disso, eles ensinam e aprendem a confeccionar colar, brincos e pulseiras também.

É importante ressaltar que a maioria desses acessórios é constituída por desenhos que representam a sua cultura, pois como são povos que preservam e respeitam a natureza, eles confeccionam objetos com desenhos voltados para a natureza, o seu lugar de origem e vida. Pude constatar ainda que, geralmente, as cores são bastante vibrantes e bem coloridas para realçar a beleza do acessório. Outros produtos também são produzidos por eles, como o artesanato confeccionado pela palha do coco babaçu e do coufo, esteira, bolsas e abano.

Ao tentar saber sobre o material utilizado para produzir esses tipos de artes, foi perguntado para os estudantes indígenas quais desses são utilizados por eles para produzir arte indígena. Assim eles disseram:

Jenipapo, urucu e a palha do babaçu (EI 01)

Artesanato com a palha do Babaçu (EI 02)

Jenipapo e Urucu (EI 03)

Materiais da aldeia (EI 04)

Jenipapo e urucu (EI 05)

Sementes da aldeia (EI 06)

Artesanato que é feito da palha do coco (EI 07)

Artesanato produzido com a palha do babaçu (EI 08)

Palha do babaçu (EI 09)

Sementes da aldeia (EI 10)

Jenipapo e urucu (EL 11)

É possível notar em suas falas que os materiais que eles usam para produzir a arte indígena são jenipapo, urucu, artesanato, sementes da aldeia e a palha do babaçu. A respeito do jenipapo é, o mesmo pode ser entendido como:

[...] É originário da América Central e atualmente encontra-se distribuído nas regiões tropicais de diversos países da América, Ásia e África. É encontrado de forma subespontânea nas regiões tropicais. [...] a planta tem grande importância para os índios, devido às propriedades medicinais e usados para produzir suas pinturas. (SOUZA, 2007, p. 04).

Esse fruto é plantado e preservado por eles na aldeia, pois serve para fazer as suas pinturas que geralmente é constituída por uma cor preta e bastante duradouro. Quando se aplica na pele, essas pinturas feitas pela tinta do jenipapo duram entre 15 a 20 dias. Para os nativos apinayé, o jenipapo é muito especial e tem um grande grau de importância para a cultura, porque do fruto do jenipapo se extrai a tinta da pintura corporal dos índios. No entanto, eles não consomem a fruta, só usa ela para as pinturas, visto que o seu preparo dura entre uma a duas horas. O outro produto que é usado como complemento com jenipapo representando a cor vermelha em suas pinturas é o urucu. Isto é:

O urucu é uma planta de classe magnoliópsida, de ordem malvales, de família bixaceae, do gênero bixa e da espécie bixa orellana, a semente é monocotiledônea, sendo nativa da América tropical, que chega a atingir altura de seis metros (TSUWATE; LEÃO, 2016, p. 79).

Também é uma fruta nativa de onde eles vivem e é bastante preservada em seus territórios. É uma tinta mais fraca, possui a cor vermelha e é usada junto com o jenipapo para produzir as pinturas corporais. Seu nome vem do tupi que significa “vermelho”. Vale destacar que a maioria de suas pinturas corporais que acompanha os traços vermelhos ocorrem, geralmente, em cerimônias de casamentos, rituais e festas na aldeia.

Para produzir os colares eles usam as sementes da própria aldeia e também para dar cores aos seus acessórios como as miçangas, que são comprados no mercado da cidade de Tocantinópolis. Em seus artesanatos é usado para fazer os acessórios a palha do babaçu, que se refere “a folha como a arte mais utilizada pelos extrativistas, suas folhas chegam a medir 8 a 9 metros de comprimento cada uma, cada planta possui cerca de 40 hastes” (SILVA, 2017,

p. 207), ou seja, é uma planta nativa do seu território que eles usam para produzir a esteira, o coufo, a cesta e para cobrir as suas casas.

Ao questionar sobre quais os trabalhos mais produzidos de arte indígena por eles, a maioria respondeu o seguinte:

Pulseira, cordão, coufo, abano, esteira e pinturas (EI 01)

Pinturas, cordão, coufo esteira e cordão (EI 02)

Cordão, coufo, pinturas, cordão e esteira (EI 03)

Pulseira, cordão e coufo (EI 04)

Pinturas, pulseira, colar, cordão, esteira e brincos (EI 05)

Coufo, abano, esteira, pulseiras e pinturas (EI 06)

Pulseira, cordão, coufo, abano, esteira e pinturas (EI 07)

Esteira, pinturas, coufo, pulseira e abano (EI 08)

Abano, pinturas, pulseira, coufo e abano (EI 09)

Pinturas, cordão, esteira, coufo, abano e pulseiras (EI 10)

Pulseira, cordão, coufo, abano, esteira e pinturas (EI 11)

Em análise dos questionários pude observar que as artes indígenas mais produzidas durante as aulas de artes são o coufo, cordão, pulseira, abano, esteira e as pinturas, pois todos esses objetos são aprendidos durante essas aulas e são estudados por eles. É importante salientar que esses objetos fazem parte da sua cultura e exigem técnica, uma vez que dentro da aldeia o professor de artes tem que ser um indígena, para que possa ensinar de forma mais adequada à produção desses materiais.

Sobre as indagações feitas com os estudantes indígenas, analisei que todos os entrevistados usaram palavras que se referem aos seus conhecimentos de vida, mas que tem um grande significado para eles. As suas respostas foram ampliadas a partir da próxima pergunta que fiz a eles, quando responderam que significado tem a arte Indígena para eles:

Lutas e marcas (EI 01)

Significa história (EI 02)

Significa história (EI 03)

Significa Cultura (EI 04)

Significa Cultura (EI 05)

Significa Aprender (EI 06)

Significa História (EI 07)

Significa resistir (EI 08)

Significa cultura (EI 09)

Significa Luta (EI 10)

Significa Cultura (EI 11)

Por meio das respostas acima, constatei que a maioria respondeu de forma significativa, pois são palavras que representam algo marcante da sua trajetória de vida construída na aldeia, uma vez que as suas artes significam registros históricos e culturais de seu povo, pois é algo que lutaram para que essa cultura existisse e permanecesse até os dias de hoje. A arte para eles é marcada pela história, passada de geração a geração e que continua viva por meio dos objetos artísticos que eles produzem.

Contudo, em outras falas alguns relatam que arte significa resistir, o que leva a entender que cada vez mais as suas culturas estão deixando de existir, por inúmeros motivos: falta de terras para os indígenas, alguns desses deixam as aldeias para irem morar na cidade entre outros motivos. Porém, é importante e necessário que as suas culturas nunca deixem de existir.

São palavras de construção de sua cultura, pois foi através da luta deles que os saberes e artes indígenas ainda permeiam a sociedade e torna significativa a sua história. Além disso, a história da cultura e da resistência que eles ainda estão disseminando dela leva a compreendê-la que ainda é definida como traços culturais construídas por outras gerações (CONH, 2001).

Por fim, perguntei aos estudantes indígenas qual foi o seu primeiro contato com a arte indígena e logo eles responderam:

Na aldeia (EI 01)

Aldeia (EI 02)

Na Aldeia (EI 03)

Foi na aldeia (EI 04)

Aldeia (EI 05)

Na aldeia (EI 06)

Aldeia (EI 07)

Foi na aldeia (EI 08)

Na aldeia (EI 09)

Aldeia (EI 10)

Foi na aldeia (EI 11)

A aldeia é um lugar onde eles vivem, trabalham e produzem a sua cultura. Foi nesse local que eles tiveram o seu primeiro contato com a arte indígena, aprendida por seus pais e familiares e alguns moradores que fazem parte da sua aldeia. Diante disso, ao ter acesso à escola, eles já carregam consigo a bagagem cultural e artística ensinada por seus pais, experiências e saberes esses que são reforçados e socializados dentro da escola. Nessa instituição, esses saberes são passados para os estudantes através de professora indígena.

A arte indígena se manifesta através das suas culturas como as pinturas corporais, suas danças, seus artesanatos, arte essa que representa as belezas indígenas carregadas de significados culturais de seu povo e que são manifestadas em seus rituais e cerimônias. Seu mundo é uma mistura com o mundo espiritual e o com misticismo, o que o torna fascinante. Além disso, a arte indígena tem as suas próprias características, em comparação com outros tipos de artes produzidos em outras culturas. São povos que são conhecidos e elogiados pelas suas próprias manifestações, como: a música e a dança, desenho e pintura, cestaria, cerâmica, arte em madeira, arte em pedra e as pinturas corporais.

Quando se fala em arte logo, se lembra daquela exposta em galerias ou museus. Porém, na arte indígena isso não ocorre, pois em sua cultura,

[...] não existe este contexto específico que define o que é arte e o que não é; não existe uma “teoria da arte” em sentido estrito; em outras palavras, entre as culturas indígenas, não há um “mundo da arte”, porque não há a arte como atividade diferenciada da produção de objetos “úteis”. Quem entende a “arte indígena” como “arte”, portanto, não são “eles” – somos nós (VAZ, 2011, p. 146).

Em outras palavras, eles não precisam do conceito do que é arte, e nem se embasar em teóricos que definem o que é arte para produzir e criar as suas danças, suas pinturas e seus

artesanatos, pois cabe a nós a incluir e apreciar essas artes feitas por livre expressão, criatividade e conhecimento, e ao mesmo tempo, incluir no nosso mundo artístico que nos rodeia.

E como foi possível analisar nos questionários que foram aplicados aos estudantes indígenas dos alunos do 8ª ano, quando em algumas das suas perguntas a respeito dos significados que a arte indígena tinha para eles, responderam que ela é voltada para as suas culturas, o que significa dizer que eles não têm um conceito próprio sobre suas artes, mas que é algo que pode ser ampliado por meio de estudos e pesquisas sobre a arte de seu povo e da arte universal.

Em análise dos questionários pude observar que na maioria das suas falas eles sempre enfatizam as suas culturas, falam dos diferentes tipos de artes produzidas em sua comunidade, mas não tem o conhecimento que o que produzem é art. Constatei também que a sua maior dificuldade é em distinguir o conceito do que “arte” e o que é “Arte Indígena”.

4.2 Observações na turma do 5º ano

As observações foram feitas na turma do 5ª ano, nas aulas de arte, ministradas pelo professor indígena. Foram observadas três aulas. Na primeira aula foi trabalhada as cores na língua materna e no português; a segunda falou sobre os tipos de pinturas existentes e que são usadas na etnia apinayé; a terceira foi uma aula representativa através de vários desenhos expostos no quadro aos alunos. Todas essas aulas foram observadas no 3ª bimestre.

1º Aula observada

A primeira aula observada foi a qual eu como pesquisadora pude ter o primeiro contato com o espaço físico da sala de aula da qual ocorreria às observações. É uma sala constituída por 17 alunos, tendo como sexo predominante o masculino.

É uma sala pequena, com apenas 17 carteiras representando o total de alunos que frequenta essas aulas. Constatei que é um espaço bastante enfeitado por desenhos e pinturas produzidas pelos próprios alunos. Notei também que essa sala fica localizada no primeiro prédio da escola. Abaixo seguem algumas figuras da sala de aula:

Foto 06 - Sala de aula.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Foto 07 - Desenhos produzidos na disciplina de arte.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A aula iniciou com o professor fazendo a chamada e em seguida eu me apresentei dizendo qual seria meu papel como pesquisadora. Logo, o professor falou que a aula seria sobre as cores. Em seguida, ele escreveu uma atividade no quadro que representava algumas cores como o azul, o verde, o preto e o castanho. Por meio de um giz o professor escreveu todas as cores em português no quadro e, em seguida, perguntou aos estudantes indígenas qual nome se referia aquela cor na língua materna. Posteriormente, ele escreveu no quadro a cor no português e mostrou a imagem através de um lápis de cor que se referia a essa cor. Alguns observaram esse momento, da cor do lápis com o nome inscrito no quadro e logo arriscaram responder a pergunta do professor. Desses, alguns responderam corretamente, outros não, e em seguida o professor disse a cor na língua indígena deles. Dessa forma, todos conheciam a cor correspondente da qual o professor estava falando.

A respeito da língua materna,

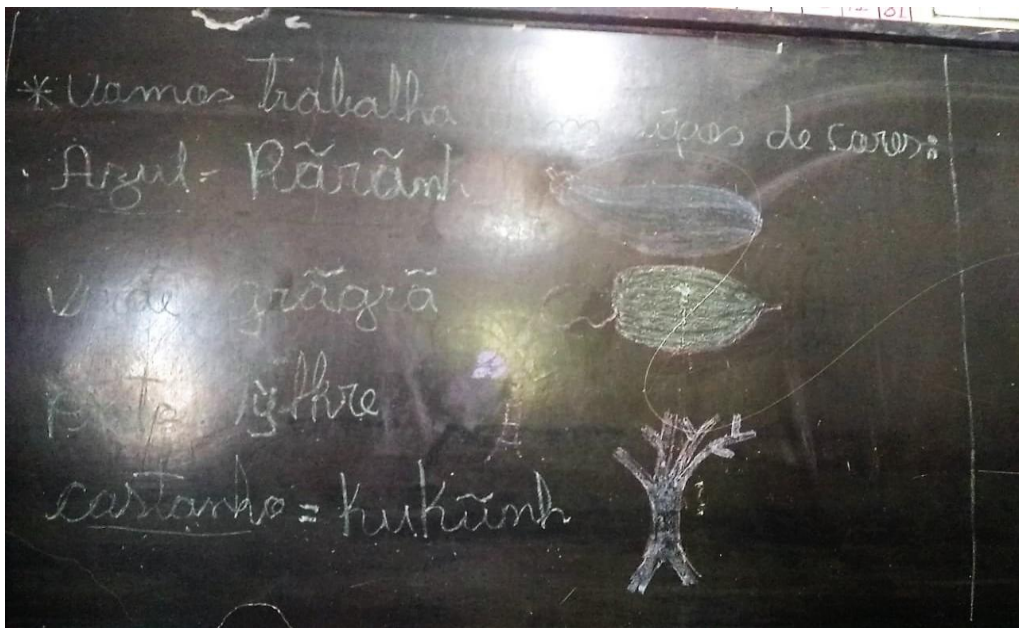
A língua materna [...] é falada como primeira língua, seguida pelo português, falado principalmente em ocasiões que sejam de contato com o não indígena. As crianças começam a falar o português na escola, entre os seis e sete anos de idade (XERENTE, 2016, p. 17).

Ou seja, esse processo acontece quando os indígenas tem o primeiro contato na escola, é nesse local onde a língua portuguesa é trabalhada e ensinada. Processo esse que requer de um mediador indígena na sala de aula.

A partir da série do 5º ano, a língua portuguesa ainda é pouca falada, por isso que quando o professor expôs a cor no idioma português no quadro, alguns não souberam responder, devido ao fato de não conhecerem qual nome se dava para a cor azul. E assim ocorreu com todas as cores trabalhadas. Em seguida, o professor pediu para cada um desenhar a frente da cor, que pudesse se referir a um desenho da sua cultura, mas, que correspondia a cor solicitada por ele.

Abaixo mostro um pouco dessa atividade:

Foto 08 - Atividade realizada em sala de aula.



Fonte: Elaborada pela autora(2018).

A figura 07 mostra a atividade que o professor fez e respondeu juntos com os alunos a respeito de algumas cores. Nessa imagem é possível observar o nome da cor no português e na frente dela como se escreve essa cor na língua materna deles. Na frente da tradução de suas respectivas cores encontra-se os desenhos para representar cada cor, como o azul que foi representado pelo jenipapo, o verde pelo caju, o preto pelo pé de coco e o castanho representado por um galho de uma árvore. Após o término da atividade a aula se encerrou.

2ª Aula observada

Na segunda observação feita na sala de aula foi trabalhada as pinturas Apinayé, representada por figuras e desenhos. No primeiro momento o professor falou a respeito das pinturas que são usadas por eles, sendo elas a “WAMNHÊMÊ” que é usada apenas por mulheres e carrega traços retos e arredondados, formando um modelo ideal para cada pintura. Nas pinturas das mulheres são utilizados 2 modelos de pinturas, visto que cada pessoa do sexo feminino escolhe qual pintura usar.

Por outro lado, a pintura que é usada pelos homens se chama “KATÂN” e possui formatos retos e triangulares. Porém, só existe uma pintura para os homens, visto que a única coisa que pode mudar e formar desenhos diferentes é a posição dos seus formatos na pintura, o que possibilita formar outros desenhos, embora a forma triangular e reto permanecem neles.

Após essa breve explicação o professor falou para os estudantes a respeito das tintas que são usadas para fazer essas pinturas, baseadas principalmente no jenipapo que faz todos os traços, tanto da pintura feminina quanto da masculina, e o urucu, que tem a sua cor vermelha usada para o preenchimento dos traços feitos pelo jenipapo. O professor em algumas das suas explicações disse também que essas pinturas sempre são usadas em alguma cerimônia ou ritual da sua comunidade, para que eles possam expressar sentimentos de alegria ou tristeza.

Após a explicação do conteúdo, o professor pediu para que cada aluno produzisse um desenho sobre o que foi explicado na aula, mas relacionado às suas culturas, como as pinturas, por exemplo. Nesse sentido, os alunos poderiam escolher entre a pintura feminina e a masculina.

A imagem abaixo mostra a foto de uma indígena no momento da sua produção artística, em uma folha A4.

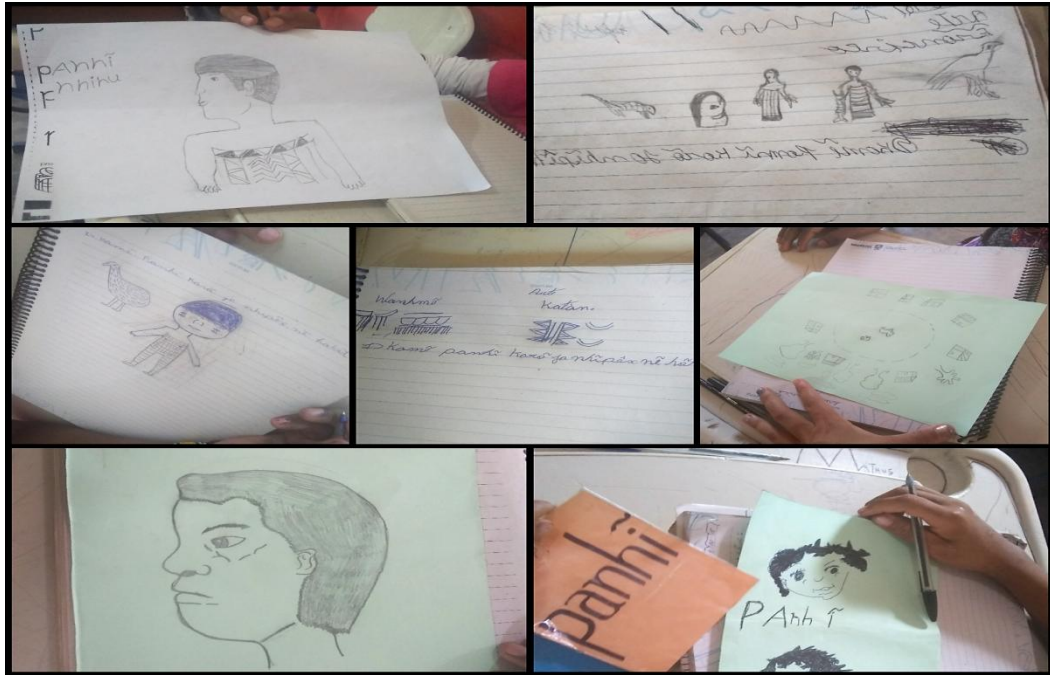
Foto 09 - Produção artística em andamento.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

As imagens abaixo mostram os desenhos produzidos pelos alunos indígenas durante a aula de arte, a respeito da sua pintura apinayé:

Foto 10 - Desenhos produzidos pelos alunos indígenas.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A figura acima retrata o resultado dos desenhos produzidos pelos alunos indígenas, alguns desenharam apenas o rosto, outros desenharam a pintura corporal representada pelo um corpo indígena. No entanto, verifiquei nesse momento que alguns resolveram desenhar como é o formato das suas comunidades. É importante ressaltar que todos os desenhos foram feitos em uma folha A4, sendo alguns desses produzidos com canetas e lápis. Em alguns dos desenhos eles escreveram na língua materna o nome PANHI, cujo seu significado no português é índio. Após terminar de concluir os seus desenhos, o professor recolheu todos para expor na parede da sala.

Segundo o relato do professor, todas as atividades relacionadas as desenho feitas nas aulas de arte, ele coloca na parede, pois acredita que fazendo isso com os desenhos dos alunos, o aluno passa a valorizar mais a sua produção artística, o que também, em meu entendimento, não deixa de ser uma forma de trabalhar com exposição artística dos trabalhos feitos por eles mesmos, ao dar maior visibilidade para eles.

3º Aula observada

Na terceira aula o professor trabalhou com a representação de desenhos voltados para sua cultura. Nesse momento ele expôs no quadro desenhos produzidos pelo próprio professor. Porém, em uma das falas informou que ele mesmo montou o próprio material, da seguinte forma: selecionou o desenho da internet, pintou e o colou em um pedaço de papelão. Após isso, ele o cobriu com um plástico transparente e elaborou o nome de cada figura em uma cartolina, recortando-o posteriormente. Nesse dia ele trouxe para a aula esse material com as seguintes figuras: o kuati, a onça, a paca, o índio com a sua pintura, jacaré, a cabaça, a árvore, o peixe, a flecha, o desenho da sua comunidade e o tamanduá, que podem ser melhor visualizados abaixo:

Foto 11 - Representação dos desenhos.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

O professor, ao colocar o desenho exposto no quadro, pediu para cada aluno ir a frente escolher um desses e colocar o nome do desenho. Porém, pude perceber que quando o aluno ia na frente colocar a frase no seu desenho escolhido, o professor em seguida dizia se estava certo ou não. Assim, se o aluno errasse o nome, ele sempre dava a segunda chance para o aluno tentar acertar. É importante lembrar que os nomes da figura, como mostram a imagem acima, eram todos na língua materna. Ademais, o professor disse que essa atividade servia para trabalhar a língua materna e usar os saberes da comunidade para que os estudantes não venham a esquecê-la.

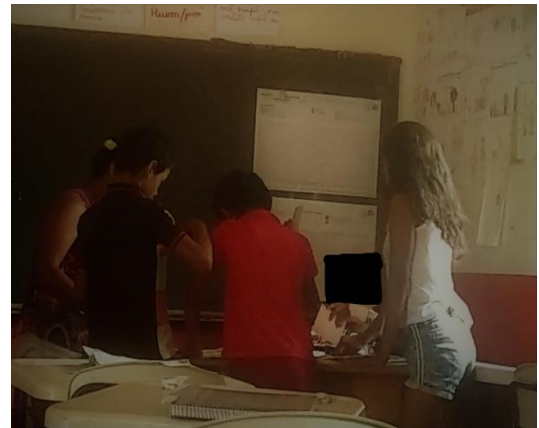
As fotos abaixo mostram o momento em que os alunos vão ao quadro:

Foto 12 - colocando o nome no desenho.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

Figura 13 - Escolhendo o nome da figura.



Fonte: Elaborada pela autora (2018).

A imagem 11 mostra o momento em que 3 alunos estão a frente, colocando o nome em suas figuras escolhidas. Na foto 12 mostra o exato momento em que eles estão selecionando o nome de cada figura. É importante destacar que nessa mesma aula o professor fez uma “pequena competição” para os seguintes alunos, ao dizer que quem conseguisse acertar mais nomes e figuras, ganhariam uma camiseta azul.

Portanto, ao observar essas três aulas na sala do 5º ano, pude perceber que o público alvo daquela sala são bastante tímidos, principalmente em responder o que o professor perguntava. Eu chegava a pensar que eles não estavam entendendo a atividade, pois até mesmo quando o professor perguntava se eles estavam compreendendo ela, os indígenas não respondiam nada. Mas pude observar que todos sempre faziam as suas atividades nos seus cadernos, o que me fez chegar a conclusão de que eles eram apenas tímidos, e que entendiam o que professor explicava.

Analisei que o professor trabalha com a realidade do aluno, enfatizando como principal tema de suas aulas a sua cultura. Todas as suas atividades trabalhadas durante essa observação foram voltadas ao conhecimento do aluno, o que demonstra ser um professor bastante motivado para ensiná-los e que é uma pessoa que tem prazer em sua profissão.

Observei também que os alunos da sala gostaram de responder atividades no quadro, mas eles não falam, só iam à frente fazer a atividade e voltavam para a sua carteira em silêncio. Pude observar também que não são todos que participam das aulas. Em algumas das minhas observações perguntei se eles eram tímidos por causa da minha presença, e logo o professor respondeu que não, que eles são assim mesmo, e que faz parte da cultura indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa realizada na Escola Indígena Tekator, localizada na aldeia Mariazinható me possibilitou como pesquisadora a entender como é trabalhada a disciplina de arte dentro de uma aldeia, e a entender qual o olhar que os alunos daquela unidade têm em relação arte indígena produzida por eles mesmos nesse espaço. Com isso pude perceber que as artes produzidas pelos indígenas se referem, a sua maioria, aos artesanatos que eles confeccionam, como colares feitos de miçangas, abano, coufo, esteira entre outros. Pude constatar também que eles mesmos ensinam as técnicas de como são feitas outras artes, como as pinturas, explicando os seus significados e os ensinando quais dessas são mais usadas pelos apinayé da aldeia, o que deixa claro que o conhecimento cultural e artístico deles é passado de geração para geração.

Ao analisar os questionários respondidos pelos indígenas, pude notar que eles caracterizam as suas culturas como algo normal em seu habitat, uma vez que eles não consideram o que eles produzem como arte. A arte vista nos objetos que produzem são mais vistas e compreendidas (nessa concepção) por professores e pesquisadores da área, e nem sempre por eles mesmos. Ou seja, é possível afirmar que a arte para eles significa cultura, a raiz histórica de um povo que luta para manter vida a sua identidade, saberes produzidos ao longo do tempo, bem como o “prazer” em produzir e socializar a arte que eles mesmos constroem ao seu povo e a comunidade. Embora muitos tenham relatado que gostam da arte, deixam claro também que ela representa não apenas a sua realidade, mas também história, luta e resistência de um povo.

Nesse sentido, entendo que talvez a disciplina de artes na escola pode ajudá-los a compreender que o artesanato que desenvolvem, a pintura corporal deles, os colares, a esteira de palha de babaçu entre tantas outras manifestações de seu povo, são também objetos artísticos e estéticos.

Ao observar no campo da pesquisa como eles produzem as artes indígenas, pude identificar que o professor da disciplina de artes mostrava que os materiais usados para a produção das pinturas corporais se baseiam no urucum e o jenipapo, típicas da sua cultura e encontradas com facilidade na aldeia; do artesanato, os indígenas usam a palha do babaçu e as sementes da própria comunidade para confeccionar os seus acessórios. Além disso, pude verificar nesta pesquisa que, embora eles produzem outros objetos de artes, basicamente essas

duas, são algumas das principais que eles mais produzem e socializam a comunidade, e tem no professor um importante mediador no ensino e orientação de como produzir arte indígena.

Os indígenas pesquisados ainda vivem da pesca, da caça e a coleta de vegetais silvestres, e utilizam a coleta da palha do babaçu para cobrir suas casas que são na maioria em formatos redondos, além de produzir utensílios domésticos, fazerem plantação de vários legumes. Em suas respectivas aldeias ainda continua viva o costume de dividir as tarefas das mulheres e dos homens. As tarefas das mulheres se resumem em coletar lenha, frutas, fazer artesanatos que na maioria deles são de miçangas e cuidam da casa e das crianças; já as tarefas dos homens são o trabalho na roça, a caça e a pesca.

Ficou evidente também que as terras apinajé são descendentes ao tronco Macro-jé, onde teve sua demarcação em 1985 onde tinha aproximadamente 141.904 hectares. Hoje a aldeia Mariazinha se concentra próximo à cidade de Tocantinópolis. De acordo com os dados do IBGE 2010 a aldeia se encontra constituída aproximadamente por 257 habitantes indígenas. O referido trabalho foi atribuída como uma forma de contribuir para que os próximos pesquisadores da artes indígena, possa conhecer melhor essa temática.

Dada à importância desse estudo, percebe-se que estudar os indígenas da etnia apinayé foi muito importante, pois me permeou um conhecimento mais profundo das suas da sua cultura, para mais, o fruto desse estudo servirá como base para as próximas pesquisas relacionadas à arte apinayé.

REFERÊNCIAS

ANDRE, Marli. **Estudo de caso: seu potencial na educação**. Rio de Janeiro: Maio, 1984.

AMÂNCIO. **Ensino de Artes Visuais no Campo como garantia de acesso à diversidade e a cultura indígena**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes III, 2015.

ALMEIDA, Severina. **A educação escolar apinayé de São José e Mariazinha: um estudo sociolinguístico**. Goiânia: América, 2012.

ALBUQUERQUE, Francisco. **Educação escolar indígena e diversidade cultural**. Goiânia: América, 2012.

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino da Arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perceptivas, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CALDART, Roseli. **Educação do Campo política pública-educação**. Brasília: MEC, 2008.

COHN, Clarice. **Culturas em transformação os índios e a civilização**. São Paulo: Apr./June, 2001.

CENSO ESCOLAR INDÍGENA. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Censo_Escolar_Ind%C3%Adgena. Acesso em: 28.08.2018.

ENGEL TATIANA, Tolfo Denise. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2009.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/>. Acesso em: 29.08.2018

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa; FUSARI, Maria F de Rezende. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANCO, Cristina Perales. **Abordagem Etnográfica: a convivência na escola**. Porto Alegre: 2018.

LEÃO Franco; Tsuwate Vilianes. **Descrição do preparo do corante e das diversas utilizações do urucum pelo povo xavante**. Lajeado, 2016.

MÁRCIA, Machado. **Culturas e história dos povos indígenas: formação, direitos e conhecimento antropológico**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.



VAZ, Fabrício Nunes. **As artes indígenas e a definição da arte**. Paraná, 2011.

SOUZA, Cilene Nascimento. **Características físicas, físico-químicas de três tipos de jenipapos**. Ilhéus Bahia, 2007.

SILVA, Eduardo CHAVES. Aspectos etnobotânicos da palmeira babaçu em uma comunidade extrativistas no Piauí, Nordeste do Brasil. São Paulo, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A: FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

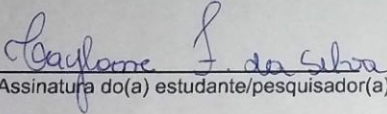



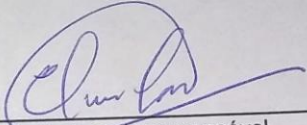
SEVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
DIREÇÃO DO CAMPUS

Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588, Centro | 77.900-000 | Tocantinópolis/TO
(63) 3471-6004 | www.uft.edu.br | ditocantinopolis@uft.edu.br

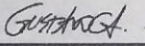
AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICO/CIENTÍFICA

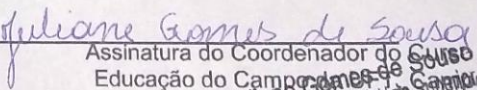
Pelo presente termo, autorizo Taylane Fernandes da Silva, discente do curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, do campus Universitário de Tocantinópolis, Universidade Federal do Tocantins, matrícula número 2015112464, orientado pelo Prof. Me. Gustavo Cunha de Araújo, docente vinculado ao Departamento de Educação do Trabalho de UFT, Tocantinópolis, matrícula número 1017864, a realizar a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulada: **“Arte apinayé: um estudo de caso na escola indígena Tekator-TO”**, na Escola Indígena Tekator, em Tocantinópolis, Tocantins. A estudante pesquisadora realizará a coleta de dados por meio de observações em sala de aula, entrevistas com alunos do ensino fundamental e professor da disciplina de Arte, além de registros fotográficos nessa escola relacionados à pesquisa, se comprometendo a dar retorno do resultado deste estudo.


Assinatura do(a) estudante/pesquisador(a)


Assinatura do responsável
pela instituição a ser pesquisada

Emílio Dias
Diretor de Unidade Escolar
Mat. Func.: 67146-4


Assinatura do(a) Professor(a)/Orientador(a)


Assinatura do Coordenador do Curso
Educação do Campo do Campus
Tocantinópolis
Professora de Ensino Superior
Educação do Campo - UFT
Mat: 1144204

Tocantinópolis, 28 de junho de 2018.

**APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO SOBRE A ARTE INDÍGENA NA ESCOLA
TEKATOR NA ALDEIA MARIAZINHA.**

1- Qual o seu nome?

2- Qual sua etnia?

3- Com suas palavras, o que é arte indígena para você? Explique

4- Durante o semestre, quais os tipos de artes indígenas que vocês produzem na disciplina de Arte?

5- Qual é a arte indígena que você produziu e que você gostou mais?

6- Como você produz as artes indígenas? Qual é o passo a passo?

7- Quais os materiais são utilizados para você produzir arte indígena?

8- Os materiais são da própria aldeia? Se sim, como vocês coletam esses materiais?

9- Quais as técnicas usadas para produzir a arte indígena? Explique

10- Quais são os trabalhos mais produzidos de arte indígena que você faz?

11- Quais as artes indígenas mais produzidas na aldeia?

12- Em sua opinião que significado tem a arte indígena para você?

13- O primeiro contato sobre a arte indígena se deu na escola?
